

Livro para registo das matrículas de todas as embarcações da pescaria

(1834-1835)

Cota CMPV/3991 - Registo de licenças de barcos

46
Guernsey

Licença do Barco da Pesca N.º 3

A Commissão Municipal da Villa de Povoa do Varim
por sua Magestade Real e Real Audiencia e Embora
Dona Maria Segunda Que Deus Guarde N.º

Em conformidade do Decreto de seis de Novembro de
mil oitocentos e trinta, concedemos licença a com-
panha de que é Mestre Joas Frand. Antero, e a
companha dos homens abaixo no meados, para
que exerceda a Pesca neste Porto no Barco N.º 3
de que pagou os competentes direitos e sujeitando-se
ao disposto no referido Decreto, goze de todas as van-
tagens e isenções que no mesmo lhe são concedidas

Mestre = Joas Frand. Antero
Mouros = Manoel da Rosa } seguem os mesmos nomes
Luiz Sebastião } da licença N.º 2
J.º da Costa Marques
Ant.º Figueira da Costa
J.º M.º Moura
J.º Vicente Moreira
João Per.º da L.º
Frans.º Nunes
J.º Vasco
João G.º Pequize
Felixpe G.º Pequize
João Estella
Ant.º M.º Mascarenhas
João Fri.º Moça
J.º Tompe
J.º Valla
Manoel Valla

Povoa do Varim 18 de Abril de 1834 -

NEWSLETTER:

Dando continuidade à *nossa nova* rubrica on-line: *Páginas de História com Estórias*, passamos a apresentar o documento do mês de Junho deste espaço cultural.

DOCUMENTO DO MÊS DE JUNHO:

Livro para registo das matrículas de todas as embarcações da pescaria

(1834-1835)

Cota CMPV/3991 - Registo de licenças de barcos

REGISTO DAS MATRÍCULAS DAS EMBARCAÇÕES DE PESCARIA

(1834-1835)

O documento em destaque este mês de Junho é o *Livro para registo das matrículas de todas as embarcações da pescaria*, pertencente à série documental Registo de Licenças de Barcos, datado de 1834 a 1835. Um exemplar único para o estudo da actividade piscatória nesta terra da Póvoa de Varzim.

Desde os primórdios da nacionalidade que a baía natural da Póvoa de Varzim serviu de ponto de partida a embarcações que, com o correr dos tempos, o homem foi aperfeiçoando, de entre elas a Lancha Poveira¹. Esta acompanhou e justificou o crescimento da actividade piscatória na Póvoa que, já nos sécs. XVIII e XIX era uma das maiores praças de pescado do país.

Tal riqueza merecia ser protegida pelos poderes terrenos e divinos, daí a construção da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição² e da Igreja da Lapa, onde se venera Nossa Senhora da Assunção, padroeira dos pescadores.

O documento escolhido este mês é precisamente relativo às embarcações poveiras que praticavam a arte da pesca. Trata-se de um exemplar sobejamente interessante, e que merece este destaque, um livro onde estão registadas todas as matrículas dos barcos pesqueiros, bem como as licenças para esses barcos. Contém listagem com os nomes do mestre e outros pescadores que compunham cada embarcação. Datado de 1834 a 1835 é, de resto, o único exemplar do género que o Arquivo Municipal possui.

Não é por acaso que à entrada do porto de pesca se tenha concentrado a classe piscatória. A concentração desta no, hoje denominado, *Bairro Sul*, resulta do aforamento realizado pela Câmara, no séc. XVIII, de todo aquele vasto areal frente à enseada, na altura desocupado. Assim, ao invés dos pescadores habitarem em diversas áreas da Póvoa, ficaram concentrados num local de fácil acessibilidade ao mar. Esse bairro assume uma estrutura geométrica onde as ruas principais são paralelas ao oceano, entrecortadas por vielas que levam directamente ao mar.

¹ embarcação com grandes qualidades de robustez e navegabilidade.

² in documento do mês de Dezembro de 2009 | Páginas de História com Estória | WWW.cm-pvarzim.pt

Em tempos idos, um porto de abrigo era a principal aspiração do poveiro, mas aquele tardou em chegar. A enseada natural da velha *póboa*, que de resto a vila tão bem soube aproveitá-la para fazer crescer uma comunidade piscatória, é que serviu, até final do séc. XVIII, de porto de abrigo natural sem qualquer obra de melhoramento ou protecção apreciável. Foram vários os dramas vividos à entrada da barra, a dificuldade na passagem dos barcos em dias de mar *revoltado* exigia condutas próprias às embarcações.

Na Provisão Régia de 1791 de D. Maria I ^{*}, em resposta à petição feita pelos moradores, ordenava-se que se estudasse a construção, na enseada da Póvoa, de uma *“caldeira para abrigo dos barcos e pescadores cercada por hum caes que defenda da violência dos temporaes”*.³ Obra promovida pelo inspector de obras públicas do Norte, digníssimo Corregedor e Provedor da cidade do Porto - Francisco de Almada e Mendonça. De resto, personagem já várias vezes referida por nós em documentos anteriores, não fosse ele um impulsionador indiscutível do crescimento desta cidade.

A edificação de um paredão de alvenaria revestido de cantaria, começou em 1795, lançando-se um molhe de duzentos metros de extensão. No entanto, a obra foi considerada não concluída, visto que seria necessário outro cais na parte sul, até ao pé da barra, para tornar menos forte a corrente. Esta parte concluída, na parte norte da enseada, era o Paredão de D. Maria I, posteriormente Paredão de D. Luís I, depois de pequenas obras durante o seu reinado.

Nos inícios do séc. XIX, era urgente uma reforma do paredão existente por este se encontrar em estado de ruína. As obras iniciaram-se mas a falta de recursos monetários terá abrandado o ritmo destas. Contudo em Acta da Câmara de 11 de Março de 1825 ^{*} fica bem clara a necessidade de se continuarem as obras públicas de conserto do paredão. A 27 de Agosto desse mesmo ano, por ordem do Corregedor José Joaquim Rodrigues de Bastos⁴ dá-se continuidade às referidas obras. O velho paredão terá sido dado por concluído em 1826, cumprindo a sua importante função de defesa contra o mar enfurecido.

³ in Provisão Régia de D. Maria I ao Corregedor da Comarca do Porto - Dr. Francisco de Almada e Mendonça | 21 Fevereiro 1791 | CMPV o836 - Livro de registo de vários documentos 1790 a 1820

⁴ in Registo da ordem da Correição da Comarca para continuarem as obras públicas do paredão | 22 Agosto 1825 | Registos Gerais | CMPV 838

São várias as *Folhas das pessoas que trabalharão nas Obras publicas do Paredão que por Ordem de Sua Magestade se fazem nesta Villa da Póvoa de Varzim Comarca do Porto*⁵ que integram a série documental Folhas de vencimento - Obras do Paredão, no espólio documental do Arquivo Municipal. Documentos curiosos que contém o nome do trabalhador, função, dias de trabalho, o preço de cada dia e o total de dias a receberem.

Contudo, em 1892, por se considerar o plano defeituoso, as obras foram suspensas e depois de várias manifestações e projectos apresentados em favor das obras da enseada poveira para fazer de porto de abrigo que os pescadores e a terra pediam, aquelas seriam retomadas em 1930, construindo-se um molhe de quinhentos metros de extensão e de um molhe cais de cento e setenta metros.

Obra, mais tarde, complementada para ampliação e defesa satisfatória do *porto pesqueiro*. A entrada deste é referenciada por dois farolins rotativos, um sito junto à Igreja da Lapa, de luz branca⁶, e outro a seiscentos metros, no Alto de Regufe, de luz vermelha⁷.

O paredão avançava em direcção ao mar acompanhando o curso do Esteiro. De resto, esta estrutura em breve teria outra função, além de proteger a enseada, a função de passeio público.

No molhe sul do porto, está hoje localizada a Marina da Póvoa que foi construída no final da década de 1990, pela Câmara Municipal, que finalmente viu disponíveis os recursos da concessão de jogo⁸ do Casino da Póvoa. No entanto, persistiam os problemas de assoreamento devido à falta de manutenção da barra, afastando muitos dos pescadores locais, inclusive para portos galegos.

Recentemente, o estado do porto, em especial o desgaste e envelhecimento do molhe sul, e a barra (banco de areia) têm sido problemas constantemente levantados pelos pescadores. Em Agosto de 2009, deu-se a maior intervenção realizada na barra da Póvoa, permitindo que haja boa navegabilidade nesta zona e uma barra operacional como nunca

⁵ CMPV / 4269

⁶ com um período de vinte segundos e alcance de 11 milhas.

⁷ com um período de quatro segundos e alcance de 13 milhas

⁸ in documento do mês de Outubro de 2008 | Páginas de História com Estória | WWW. cm-pvarzim.pt

houve. O ideal seria uma remodelação integral do porto, outros apontaram soluções permanentes para a Barra, como o prolongamento do Molhe Norte.

No porto de pesca, ao presenciar a azáfama própria da *arte da pesca*, assiste-se a um espectáculo de cor e movimento de uma classe social altamente especializada e que, apesar da homogeneidade dos tempos modernos, ainda mantém traços visíveis de tão forte identidade colectiva de outrora. A ver vamos o que o futuro reserva aquele espaço.

* documentos que integram o espólio do Arquivo Municipal.